

PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES DE MEDICINA SOBRE A MORTE E O MORRER

Resumo: A morte e morrer representam grandes desafios no processo de formação e atuação médico. Este estudo buscou identificar as percepções dos estudantes de medicina acerca do processo de morte e morrer, bem como suas expectativas frente ao tema como futuros médicos. Foram realizados grupos focais com estudantes de medicina de todos os períodos em uma Universidade Federal no interior de Minas Gerais. As falas dos estudantes foram analisadas a partir do referencial de Análise de conteúdo Temática ou Categorical e emergiram duas categorias: 1- Percepções dos estudantes acerca do processo de morte e morrer; 2- Expectativas profissionais para lidar com a morte e o morrer. As análises revelaram a variedade e complexidade das percepções dos estudantes, de acordo com questões culturais, história de vida e experiências pessoais. As experiências com a morte e o morrer vivenciadas na graduação desencadearam medo de falhar. A visão da função do profissional médico frente a um paciente em estado terminal foi discutida como papel de cura e de suporte. Os resultados analisados reafirmam a necessidade de uma maior abordagem do tema na graduação e suporte ao estudante.

Autores: Amanda Pais Ravasio¹;
Rafael Lourenço Donadeli¹;
Nicolle Fraga Coelho¹;
Larissa Ottoni Estevanin de Paula¹;
Elisa Maia Alkmim¹;
César Quadros Maia¹;
Vinicius Leite Melo¹;
Denise Alves Guimarães²

¹Discente de Medicina da Universidade Federal de São João del-Rei, *Campus* Centro-Oeste, Divinópolis, Brasil.

²Professora Adjunta do curso de Medicina da Universidade Federal de São João del-Rei, Divinópolis, Brasil.

Introdução:

O enfrentamento da morte engloba diversas perspectivas que podem ser influenciadas, principalmente, por aspectos religiosos, culturais e históricos. Além disso, diferenças ligadas às faixas etárias de cada indivíduo, atreladas às suas experiências pessoais e perspectivas familiares também impactam na visão individual sobre o processo de morte e morrer^{1,2}.

No que tange à questão histórica, percebe-se que a concepção da morte sempre sofreu grandes modificações, mesmo entre diferentes povos de uma mesma época. Se na antiguidade era possível perceber uma visão romantizada da morte², na modernidade guiada pelo valor do corpo como instrumento de produção, o adoecimento e a morte passam a ser vistos como motivos de fracasso, vergonha e improdutividade^{1,2}. Impulsionada ainda pela Revolução Higienista, a modernidade passa a isolar o adoecimento e deslocar doentes e os que estavam morrendo para ambientes hospitalares.

Na cena contemporânea da cultura ocidental, o significado da morte continua em parte sendo influenciado pelas visões da Modernidade, estando vinculado, principalmente, ao sentido de impotência, dor e fracasso frente à finitude da vida, o que ocasiona em diversas medidas para evitá-la a qualquer custo^{1,3,4}. Uma das consequências de tal fato é a formação do profissional de saúde ser voltada majoritariamente para a cura da doença, relegando aspectos psicossociais dos pacientes^{1,4}. Tal situação pode gerar o afastamento dos profissionais de saúde de um comportamento humanizado, dificultando a forma de lidar com situações que envolvem a dor, o sofrimento e o processo de morte e morrer¹. Além disso, os profissionais de saúde, na presença da finitude da vida dos enfermos tendem a se presumirem culpados e se sentirem frustrados, mesmo sendo um evento natural para a vida⁴, já que essa finitude vai contra a função que se julga primordial da profissão: a cura.

Objetivo geral: Identificar as percepções dos estudantes de medicina acerca do processo de morte e morrer, bem como suas expectativas diante dessas questões como futuros médicos.

Metodologia:

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório⁵, desenvolvida a partir da realização de Grupos Focais (GF)⁶ com estudantes de medicina da Universidade Federal de São João Del Rei, Campus Centro-Oeste no município de Divinópolis, Minas Gerais. No período de setembro a dezembro de 2019 foram realizados 6 GF envolvendo estudantes do 1º ao 12º período da graduação. A análise do material coletado

seguiu o referencial da análise de conteúdo, segundo Bardin, mais especificamente a análise temática ou categorial⁷. Das análises delinearão-se duas categorias: 1- Percepções dos estudantes acerca do processo de morte e morrer; 2- Expectativas profissionais para lidar com a morte e o morrer.

Resultados e Discussão:

Foram realizados seis Grupos focais abrangendo todos os períodos do curso de medicina da Universidade Federal de São João Del-Rei - Campus Centro-Oeste. Participaram 67 estudantes e os GF foram organizados considerando-se a presença de estudantes do mesmo ano de graduação.

1- Percepções dos estudantes acerca do processo de morte e morrer

Os estudantes mencionaram que a forma de perceber e lidar com a morte e o processo de morrer varia ao longo da vida, das situações vivenciadas e da maneira como a questão é tratada em família: como processo que faz parte da vida ou como tema tabu, de difícil abordagem. Das experiências pessoais anteriores à graduação, discutiram que lidar com a morte na idade adulta estaria acompanhada de maior compreensão acerca do processo, ao passo que essa experiência na infância assumiria um caráter mais traumatizante. Mencionaram considerar mais fácil aceitar a morte de uma pessoa idosa e mais difícil quando se tratava de uma criança. Mencionaram ainda que a morte de uma pessoa jovem fazia pensar na própria morte.

“Porque muitas vezes a morte do outro me lembra a minha morte, né. Porque a gente vive num automático e a gente não pensa em morrer tão jovem, a gente pensa que a vida é muito longa e que se morre lá pros noventa anos, uma idade assim muito longe...” (Acadêmico 2ºano).

De forma geral, mencionaram que o contato com o tema ou situações relacionadas a morte e morrer ao longo da graduação desencadeou cobranças pessoais relacionadas ao medo de falhar, medo de causar uma morte, medo do desconhecido, associado a necessidade de ter que buscar a perfeição na atuação profissional.

Essas percepções são compatíveis com discussões levantadas pela literatura, nas quais a palavra morte remete a inúmeros significados que variam de acordo com crenças, regiões demográficas e idade. Simboliza uma entidade da qual não se tem controle: não se sabe

quando será, nem como ocorrerá e, por isso, é carregada de sentimentos como medo e aversão ao assunto⁸.

2- Expectativas profissionais para lidar com a morte e o morrer.

Os estudantes também expressaram suas percepções sobre qual seria a função do médico diante da terminalidade. Para alguns, essa função seria de suporte técnico e conforto quando não há possibilidades de cura e outros mencionaram que, apesar do prolongamento da vida ser mais doloroso em determinados momentos do que aceitar a terminalidade, essa perspectiva parecia contrária à concepção de salvar vidas.

“...o papel do médico, falando basicamente da medicina, a gente, além do papel de cura, caso seja impossível, você tem que tá lá pra dar algum suporte, um suporte técnico.” (Acadêmico 1º ano)

Importante destacar que a morte pode ser adiada ou prevenida em inúmeras situações que envolvem as ações de profissionais da saúde, trazendo a sensação de que a cura e a salvação são sempre deveres médicos. No entanto, a morte é extrínseca aos atos médicos na maioria das vezes e essa realidade traz à tona sentimentos de frustração, impotência e auto cobrança^{8,9}.

Considerações finais:

A partir dos resultados apresentados, reafirma-se a interferência das experiências pessoais passadas para lidar com situações de terminalidade, além de que essa interferência varia de acordo com a idade. No que tange ao papel do médico tem-se fortemente presente a questão de suporte e conforto, quanto a visão engessada focada somente na cura, sendo que ambas se mostram atreladas a um possível sofrimento psíquico por parte do profissional da saúde. Não só no contexto da terminalidade dos pacientes, mas também ao longo da graduação médica, esse sofrimento se mostra presente como cobranças e medos. Observa-se, então, a necessidade de uma maior abordagem do tema dentro das universidades de medicina, além de um espaço para suporte e apoio às demandas dos estudantes.

Referências:

1. Combinato D, Queiroz M. Morte: uma visão psicossocial. Estudos de Psicologia (Natal). 2006;11(2):209-216.
2. Hohendorff JV, Melo WV. Compreensão da morte e desenvolvimento Humano: contribuições à Psicologia Hospitalar. Estud Pesqui Psicol 2009; 9(2):480-492.
3. Kubler-Ross E. Sobre a morte e o morrer. 7th ed. São Paulo: Martins Fontes; 1996.

4. Moritz R. Os profissionais de saúde diante da morte e do morrer. *Bioética*. 2005;13(2):51-63.
5. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8.ed. São Paulo: Hucitec; 2004.
6. Trad L. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. 2009;19(3):777-796.
7. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 2010.
8. Correia D, Taveira M, Marques A, Chagas R, Castro C, Cavalcanti S. Percepção e Vivência da Morte de Estudante de Medicina durante a Graduação. *Revista Brasileira de Educação Médica*. 2020;44(1).
9. Azeredo N, Rocha C, Carvalho P. O enfrentamento da morte e do morrer na formação de acadêmicos de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*. 2011;35(1):37-43.